

**A IMPRENSA DISCENTE NO LYCEU ALAGOANO: A REVISTA  
ESTUDANTIL *O FAROL DO ESTUDANTE* (1941)**

A STUDENT PRESS IN THE ALAGOAN LYCEUM: THE STUDENT JOURNAL *O  
FAROL DO ESTUDANTE* (1941)

Ivanildo Gomes dos Santos<sup>1</sup>  
Universidade Federal da Paraíba

## RESUMO

O presente artigo tem como finalidade analisar a imprensa estudantil no Lyceu Alagoano, a partir da revista *O Farol do Estudante*, salientando a importância desse tipo de estudo para se compreender a cultura escolar, especificamente, no que diz respeito às formas como os estudantes se expressam e se organizam. Essa análise visa apreender os elementos que constituem uma identidade, a estudantil. Para tal, utilizei como objeto e fonte de pesquisa quatro exemplares do periódico, especificamente os números 01, 03, 04 e 06, todos de 1941, localizados no Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. Dessa feita, dei destaque às práticas culturais, aos sujeitos e ao que eles produziram, especialmente as matérias de humor e de irreverência, que denunciam uma forma de expressão própria, por meio de desenhos, caricaturas e piadas.

**Palavras-chave:** Imprensa estudantil. Lyceu Alagoano. O Farol do Estudante.

## 1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o campo da historiografia da educação brasileira foi fortemente influenciado pela nova história cultural francesa, e a cultura escolar passou a ser o principal foco dos pesquisadores do campo. Nesse âmbito, vêm ganhando fôlego estudos que centram a atenção nos estudantes, especialmente na imprensa estudantil. Por ser um objeto que atualmente tem inquietado os historiadores da educação brasileira, compreendo a sua força investigativa, que se revela em uma demanda a ser enfrentada pelas pesquisas em história da educação.

Ressalto que, quando penso na cultura escolar, aproximo-me dos conceitos desenvolvidos por Chervel (1990), que destaca o seu caráter *sui generis*; por Júlia (2001, p. 10), que a entende como um “[...] conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e incorporação desses comportamentos [...]”; por Viñao Frago (1995), que sublinha a importância dos espaços e dos tempos escolares; e

---

<sup>1</sup> Doutorando em Educação pelo PPGE-CE-UFPB; Mestre em Educação pelo PPGE-CEDU-UFAL (2012); Especialista em Administração de Arquivos e Documentação pela UFAL (2009) e graduado em História pela UFAL (2005). E-mail: ivanildoeduc@hotmail.com

Faria Filho et al (2004), que o definem como o estudo dos tempos, dos espaços, dos sujeitos, dos conhecimentos e das práticas escolares.

Nessa conceituação de cultura escolar, encontra-se a imprensa pedagógica, uma categoria que, nos últimos anos, vem sendo ampliada pela ideia de *imprensa de educação e ensino*<sup>2</sup>. O alargamento possibilitou abranger temas que não estejam relacionados somente aos docentes, mas também ao estudo da educação informal, da educação de adultos e da familiar, da mulher, dos movimentos de juventude, dos jornais e das revistas infantis, da educação física e do desporto, da higiene e saúde escolar e da assistência e proteção a menores (NÓVOA, 1993).

Bastos (2007) considera a imprensa de educação e ensino como publicações impressas feitas por e/ou para professores, por e/ou para estudantes e mantidas pelas instâncias constituintes do sistema educacional ou, ainda, por igrejas, sindicatos, associações de classe ou partidos políticos, desde que ligados à educação. Nesse sentido, os jornais, as revistas e outros veículos de comunicação produzidos por discentes nos espaços escolares são artefatos culturais por meio dos quais é possível identificar os estudantes e suas formas de empregar a linguagem, de se expressar e de difundir ideias. Esses artefatos oferecem várias possibilidades de se ler a cultura escolar, pois, além de ser um meio eficaz de divulgar as ideias dos estudantes, a imprensa estudantil é um espaço de formação, reflexão e autonomia. Para Werle (2013, p. 294), a imprensa estudantil dá

[...] indícios da interpretação e significado que os alunos atribuíam à vida escolar, suas práticas, seus valores, seus ritos, suas crenças e seus símbolos. É uma imprensa constituída por grupos de alunos que, por curto período de tempo, estão na escola e que caracterizam, em seus escritos, ocorrências e imagens diretamente vinculadas aos atores que lhes são contemporâneos, presentes na instituição, e ao específico momento histórico institucional. Ou seja, é um espaço em que são expressos processos de influência, de produção, de disseminação de opiniões e de informações acerca das relações entre estudantes, professores, direção, turmas de alunos, interações entre diferentes estabelecimentos escolares e com a comunidade externa à escola, bem como acerca da proposta formativa da escola, valores e objetivos compartilhados ou que devam ser reforçados, reafirmados [...].

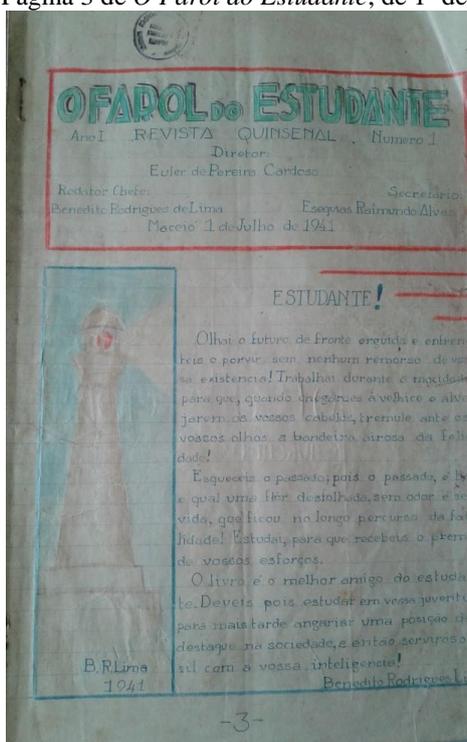
Dito isso, o presente artigo, situado no campo das culturas escolares, especificamente da imprensa estudantil, analisou a revista *O Farol do Estudante*, órgão

<sup>2</sup> Conforme Fernandes (2008), a expressão foi utilizada, inicialmente, por Pierre Caspard (Dir.) na publicação *La presse d'éducation et d'enseignement, XVIIIe siècle-1940. Répertoire analytique*, bem como por António Nóvoa (Dir.), na obra, *A imprensa de educação e ensino – Repertório analítico (Séculos XIX-XX)*.

## Dossiê: imprensa, história e educação

dos discentes do Lyceu Alagoano, a partir de quatro exemplares, todos de 1941, localizados no Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. Nele, destaco sua forma ‘não oficial’ e ressalto seu caráter humorístico, sua irreverência e sua crítica, a partir de representações cômicas e caricaturadas da sociedade, da escola, de professores, de funcionários e de alunos.

**Imagem 1** – Página 3 de *O Farol do Estudante*, de 1º de julho de 1941



Fonte: IHGAL

## 2 A PRODUÇÃO DE *O FAROL DO ESTUDANTE*

A revista *O Farol do Estudante* era uma publicação quinzenal dos estudantes do Lyceu Alagoano. Seu primeiro número foi publicado em 1º de julho de 1941, e o último de que se tem notícia, o número 6, data de 15 de outubro do mesmo ano. Os quatro exemplares a que tive acesso, localizados no Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, foram produzidos manuscritamente, e o papel pautado era o seu suporte material.

O fato de os estudantes apresentarem sua imprensa em forma de revista, e não, de jornal, o que era mais comum na classe estudantil alagoana<sup>3</sup>, é um aspecto relevante e que deve ser levado em consideração na análise. Conforme Chartier (2002), os textos

<sup>3</sup> O trabalho de Jesus (2011) analisa a produção de impressos estudantis em Maceió, entre os anos de 1858 e 1943, sendo que somente *O Farol do Estudante* é uma revista.

## Dossiê: imprensa, história e educação

são abstratos e não estão desvinculados da materialidade de que são veículos, o suporte é que possibilita sua apropriação, pois participam profundamente da construção do seu significado. Nesse sentido, o formato revista associa-se mais à publicação literária do que à informativa, como um “[...] veículo de proposta ligeira, condensada, intermediária entre o jornal e o livro e, portanto, de maior facilidade para a leitura [...]” (FRAGA, 2013, p. 73).

Por ser produzido artesanalmente, colorido, grafitado e desenhado pelos estudantes, e pelo fato de a informação não constar no frontespício das revistas, não foi possível captar a tiragem de cada número e, por conseguinte, vislumbrar o alcance de sua circulação. Além disso, não há informações sobre vendas ou pagamento de assinaturas.

Pena, lápis, papel e tinta eram os materiais utilizados pelo redator para produzir e reproduzir as várias cópias da revista, que eram feitas de próprio punho. Esse trabalho era motivo de várias críticas, porque, frequentemente, o redator escutava: “[...] fazer revistas à mão é serviço para doidos! [...]” (LIMA, 1941, p. 3). Para que o leitor tenha a ideia da árdua tarefa do redator, o exemplar número 01, datado de 1º de julho, tem 16 páginas; o número 03, de 1º de agosto, 22 páginas; o de número 04, de 15 de agosto, 16; e o de número 06, de 15 de outubro, com 20 páginas e mais seis do *Suplemento Farol*, denominado pelos redatores de *Filhote do Farol do Estudante*. Nesse sentido, o redator acumulava sua função e o papel da tipografia ou editora.

O corpo diretivo da revista era formado, até o número 5, por (Leonardo) Euler de Pereira Cardoso (E.P.C.), diretor; Benedito Rodrigues de Lima (B.R.L.), redator-chefe; e Ezequias Raimundo Alves (E.R.A.)<sup>4</sup>, secretário. Os repórteres eram Frederico Valente Bittencourt e Ariosvaldo Duarte de Oliveira. Com a saída de Leonardo Euler de Pereira Cardoso, já que seus pais se mudaram para Salvador, a partir do 6º número, o diretor passou a ser Benedito Rodrigues de Lima (B.R.L.), a redação ficou a cargo de Ezequias Raimundo Alves (E.R.A.), e a secretaria foi assumida por Murilo Mendonça de Oliveira.

Ressalto que a revista, seus diretores e redatores não estavam vinculados a grêmios, sociedades ou clubes do movimento estudantil. Provavelmente, a fundação do grêmio estudantil do Lyceu Alagoano ocorreu depois do desaparecimento da revista. Na

---

<sup>4</sup> Conforme Barros (2005a), nasceu em Rio Largo-AL, foi poeta, ator e médico. Desenvolveu trabalho no Teatro de Amadores de Maceió, foi um dos fundadores da Rádio Difusora de Alagoas, prefeito de Rio Largo e deputado estadual eleito em 1966 pela ARENA para a legislatura 1967- 71.

## Dossiê: imprensa, história e educação

coluna *Vão discutindo*, da edição número 06, Eládio Carvalho aborda a possível criação de um grêmio dos alunos da instituição e esperava o impulso da Congregação dos Professores para instalar a entidade estudantil.

**Quadro 1** – Imagens das capas de *O Farol do Estudante*



Fonte: IHGAL

Na capa da revista, constava um grafite colorido ilustrado pelo redator. Fraga (2013, p. 74) refere que “[...] a imagem de uma capa de revista pode ser considerada um protocolo de leitura e, como tal, tem por propósito comunicativo sugerir ao leitor uma maneira de ler e produzir uma significação do texto [...]”. As imagens das capas de *O Farol do Estudante* não têm uma relação clara com objetos da cultura escolar, como livros, penas, entre outros, mas se constituíam de desenhos livres, que estavam ou não relacionadas à atualidade e/ou aos conteúdos estudados em sala de aula. A imagem da edição número 01, por exemplo, assinada por Leonardo Euler, apresenta o veleiro português navio-escola Sagres. Os poucos elementos gráficos da capa dizem respeito ao título da revista, ano, número, data, nome do autor da ilustração e, raramente, legenda da ilustração. Nas edições 04 e 06, constam, ainda, os nomes do diretor, do redator e do secretário.

Não havia sumário nem anúncios no interior da revista. Na contracapa, seguia uma poesia, soneto ou poema, de autoria de algum estudante. Na terceira página, constavam as informações sobre o periódico: ano, número, data, nomes dos diretores e endereço para correspondência, bem como uma espécie de editorial, porém assinado pelo redator. Essa página também trazia informações sobre a política de publicação, que fazia questão de frisar que a revista não era responsável pelos conceitos emitidos pelos autores e por questões relacionadas a trabalhos escritos em pseudônimos, que deveriam ser identificados na direção da revista. Para Jesus (2011), essa ação já denunciava a

censura e o cerceamento da liberdade de expressão numa época de grande vigilância - a era Vargas.

Ainda assim, vários estudantes-autores utilizavam pseudônimo, dentre eles, o próprio diretor, Leonardo Euler de Pereira Cardoso, que, além de utilizar seu próprio nome, redigia sob a alcunha de *Hindú* ou *Diplomata*. Outros pseudônimos encontrados foram: *Gazogenio*, *Boêmio*, *Pitecantropus Erectus*, *Peter Pan* e *Espartano*, que, na análise, não foi possível identificar os autores.

As principais colunas/matérias de *O Farol do Estudante* giravam em torno de assuntos que eram próprios da idade juvenil. A escrita informal e bem humorada denunciava o cotidiano dos estudantes dentro e fora da instituição. Brincadeiras, apelidos, paqueras, namoro, esportes, cinema, cultura, festa de formatura, falta de dinheiro, ausência de espaços de sociabilidade e de lazer em Maceió, política, sobretudo internacional, haja vista a Segunda Guerra Mundial, e economia estão entre as temáticas mais abordadas na revista. Os principais gêneros eram crônicas, poesias e romances policiais. As principais colunas eram intituladas: *Vocês sabiam...*, *Dizem que...*, *Berlinda*, *Novidades*, *Cronica*, *Petits pensaments*, *Vão discutindo...*, *Tá certo*, *Leilão...*, *Calendoscópio*, *Atualidades*, *Se non é vero...*, *Versando sobre...*, *Festa dos concluintes*, *O Farol Esportivo*, *Perdidos & achados*, *Os bichos do Lyceu*, *Teatro no ar*, *Novidades de Hollywood*. No entanto, as seções não eram regulares em todos os números do periódico.

A maioria das colunas era de comédias ou “chacotas” com os colegas e seus cacoetes, assuntos próprios da idade, porém reveladores de certa ironia. Tal constatação não é específica para a revista dos estudantes alagoanos. Werle (2013), ao analisar os impressos estudantis das escolas normais rurais La Salle e Presidente Getúlio Vargas, também atesta a maior presença de matérias de conteúdo humorístico. Em geral, o humor constituía a maior parte das revistas estudantis.

[...] Sousa (1997), ao analisar a revista escolar *Auxilium*, do Colégio Santa Inês, publicada entre os anos 30 e 60 do Século 20 destaca, dentre os conteúdos da revista, os concursos de problemas, adivinhações, perguntas, piadas, historinhas de fundo moral, charadas enigmáticas, desenhos que muito se aproximam do conteúdo que designamos de humorísticos. Amaral e Silva (2005), ao estudar a revista científica, didática e literária do Clube Literário da Escola Complementar de Pelotas/RS, mencionam seções com perfil humorístico, incluindo charadas, divertimento e zombarias com um “caráter bem humorado, com brincadeiras dirigidas às alunas, não escapando os professores e professoras, nem mesmo o diretor e inspetor escolar” (p. 2-3). Amaral (2002, p. 123) também reporta que muitos jornais estudantis foram eliminados dos arquivos dos estabelecimentos por sua “irreverência e crítica através, principalmente, de representações satíricas e caricaturizadas

da sociedade, da escola de professores e de alunos” [...]. (WERLE, 2013, p. 305)

### 3 ADENTRANDO O CONTEÚDO DAS MATÉRIAS

As principais matérias humorísticas eram assinadas por *Hindú* e por *B.R.L.* Em *Perdidos & achados*, *Vocês sabiam...*, *Leilão* e *Dizem que...*, é possível perceber as brincadeiras entre os estudantes no cotidiano do *Lyceu*. Apelidos sugestivos como: *Mamão Mofado*, *Mãe d'água*, *Bolachinha*, *Frankenstein*, *Chinês-brasileiro*, *Diarréia*, *Voz de Viola*, *Cabecinha*, *Arara*, *Sarapuá*, *Cabelo de quebra queixo*, *Espanador da Lua*, *Alfinete*, *Moreninha Tropical* e *Gip Cachorro Purguento* revelam a forma jocosa e descontraída com que se tratavam os estudantes no dia a dia da instituição.

A coluna *Perdidos & achados* tinha uma imagem que expunha alguma característica física de um colega, seguida de uma charada escrita em duas cores, na qual, por causa do contraste das cores, era possível identificar o proprietário do atributo. Por exemplo, ao caricaturar o colega Ezequias, a coluna perguntou: ‘DE QUEM É ESSA GORDURA?’ O enigma para encontrar a resposta era o seguinte ‘NÃO ME CANSO DE FAZER EQUILÍBRIO PARA VER SE ‘BARRO’ ALGUNS ATLETAS’. Tal recurso gráfico contrastante era a chave para decifrar o enigma e reconhecer o colega caricaturado no texto-imagem.

Quadro 2 – Imagens da coluna *Perdidos & Achados*



Fonte: IHGAL

Outra coluna cômica era *Leilão*, em que *Hindú* e *Gazogenio* leiloavam as características físicas dos seus colegas. As garotas eram os alvos principais, porém também os atributos dos meninos também eram expostos ao leilão. Assim expressavam na coluna: ‘Quanto dão pela gordura de Yvone?’, ‘Quanto dão pelos cabelos de Laurinha?’, ‘Quanto dão pelos olhos verdes de Carmem?’.

No quadro *Petits pensamentos*, os estudantes escreviam com pequenas frases suas aspirações para o futuro, desejos, recados para os colegas, ditados populares e seus apelidos. Ezequias Raimundo Alves, por exemplo, escreveu que sua maior aspiração era ser um bom médico e conseguiu. Adalvo Lemos considerava-se o ‘l’espanadôr de la lune’, João Correia, por sua vez, dizia-se o ‘Poppeye du Lyceu’.

*Teatro no ar*, escrito por Ezequias Raimundo Alves, ao contrário do que possa parecer, não trata de questões relacionadas ao teatro local ou nacional. A coluna era constituída de ‘historietas’ que retratavam as “[...] cenas da vida prática do estudante alagoano [...]” (ALVES, 1941, p. 6). O cenário era, por vezes, uma praça ou rua de Maceió, como a praça Floriano Peixoto, “[...] preferida dos Romeus e das Julietas [...]” (ALVES, 1941, p. 6), a praça Emílio de Maia (pracinha do mercado) ou o a rua do Comércio. Em geral, as histórias abordavam uma situação cômica do dia a dia de algum aluno do *Lyceu*, como a paquera mal sucedida e a falta de dinheiro, por exemplo.

Poesias, especialmente poemas e sonetos, tão comuns em periódicos dessa natureza, eram indispensáveis à revista, e se não podiam estampar a capa, eram encontradas na contracapa. Nos exemplares a que tive acesso, três poesias têm como temática o amor, e uma, conotação mais religiosa: *Minha Santa Terezinha*, de Emílio de Maya; *Para você, querida*, de Erivaldo Lages; *Outro amor*, de Benedito Rodrigues de Lima; e *Amôr*, de Ezequias Raimundo Alves. Este último tornou-se poeta e, na revista número 3, de 1º de agosto de 1941, já exercitava a “profissão”:

[...] O que é o amor? Não se sabe ainda.  
Será uma lenda ou uma quiméra?  
Para mim o amor é uma dôr infinda  
Que sempre em nossos corações impéra...  
É um precioso liquido que brinda  
O coração que o desenvolve e gera,  
Muito embora o amante não precinda,  
Nesse momento é que o amor se esméra!  
Identico a uma seta traiçoeira  
O amôr é qual espinho da roseira  
E em cujo ramo só êle ficou;  
E assim vivem milhares de amantes,  
Passando a vida sempre confiantes  
Que existe um coração que jamais amou [...]. (ALVES, 1941, p. 2)

*O Farol Esportivo*, por sua vez, era uma coluna que tratava do esporte nacional e, sobretudo, das atividades esportivas dos clubes dos estudantes do Lyceu Alagoano e de outras ligas com as quais competiam. O principal clube da instituição era o *Newell's Old Boys*, fundado em 1938. Tendo como presidente e vice-presidente de honra o Mons. Antônio Tobias Costa e o Professor João Ribeiro Filho, respectivamente, o “team da

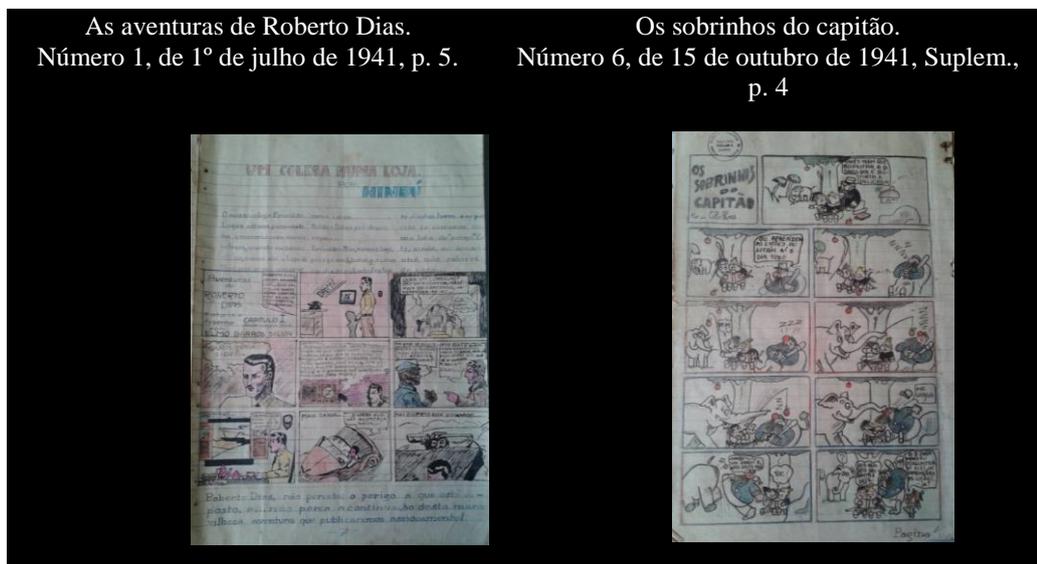
## Dossiê: imprensa, história e educação

mocidade do Lyceu Alagoano” realizava atividades de futebol, vôlei e basquete. O Alviceleste costumava treinar no *stadium* Mons. Tobias enfrentava as mais tradicionais equipes de Maceió, como as do Clube de Regatas Brasil (CRB)<sup>5</sup>, do Colégio Batista Alagoano e da Utinga. Além do *Newell's*, os estudantes tinham outros três clubes: o *Geleinha*, possivelmente feminino, o *União Esporte Clube* e *Os Onze Diabos*.

Vale lembrar que, durante o Estado Novo, a atividade física era marcada por ideais eugenistas e higienistas, que visavam disciplinar e moralizar os corpos, melhorar a saúde e as qualidades raciais (SILVA, 2012). Para os estudantes, a prática do esporte significava uma importante forma de sociabilidade, um elemento de lazer e integração. Através dos clubes, eles faziam ‘retiros esportivos’, em que ‘abafavam a banca’ ao competir com alunos de outras instituições e clubes.

Outro produto cultural desenvolvido em *O Farol do Estudante* foram as histórias em quadrinhos. *As Aventuras de Roberto Dias*, de Elmo Barros Silva, narra a história de um piloto amador civil, Roberto Dias, que entrou numa corrida de aviões, porém foi sequestrado por ordem de John Miler, um piloto norte-americano que temia ser vencido pelo brasileiro. Além dessa, outras histórias em quadrinhos encontradas foram *A quadrilha sinistra*, de Eloy Vieira, e *Os sobrinhos do capitão*, de Ezequias Rodrigues Alves.

### Quadro 3 – Histórias em quadrinhos



Fonte: IHGAL.

Os estudantes utilizavam, ainda, as páginas da revista para criticar a falta de espaços de convivência e sociabilidade em Maceió naqueles idos. Em *Versando sobre*

<sup>5</sup> O CRB é um dos maiores clubes esportivos de Alagoas. Foi fundado em 1912.

*diversões*, na primeira edição da revista, Benedito Rodrigues de Lima reclama da falta de espaços para diversões na cidade. Os cinemas, segundo o autor, resumiam-se a três: o *Delícia*, o *Ideal*<sup>6</sup> e o *Royal*. Além desses, havia o *Capitólio*, que estava em reforma, e o *Odeon*<sup>7</sup>, o *Floriano*<sup>8</sup> e o *Popular*, que haviam fechado. O Teatro Deodoro, único na cidade, vivia constatemente sem atividades, por isso restava à mocidade maceioense [...] ficar perambulando pelas ruas da cidade... até enfastiar-se [...]” (LIMA, 1941, p. 8).

Ainda assim, Mary Gertudes, em as *Novidades de Hollywood*, levava para os estudantes e os leitores de *O Farol do Estudante* o que havia de novo no cinema hollywoodiano. Particularidades de atores e atrizes, como Hedy Lamarr, David Niver, Spencer Tracy, Carolyn Lee, Dick Powell, Joan Blondell, James Ney, James Cagney, Humphrey Bogart, Pat O'Brien, Ann Sheridan, além de Stan e Hardy (o gordo e o magro), que estrelavam o filme ‘Adão e Eva por engano’, estapavam as páginas da revista.

O teatro da cidade era utilizado, geralmente, para a realização de eventos que visavam arrecadar recursos para a colação de grau dos concluintes. A diretoria da comissão de formatura, presidida pela estudante Maria L. Bezerra, organizou uma ‘Grande Noitada de Arte’, no dia 4 de agosto de 1941, no Teatro Deodoro. Na ocasião, apresentaram-se o grande cantor de “broadcasting” nacional, *Baiano*, e o conjunto regional formado por estudantes do Lyceu, do Colégio Diocesano e do Colégio Batista, *Os 10 Magos da Alegria*, entre outras 35 atrações de artistas amadores. Os ingressos custaram 15\$000, os camarotes de 1ª, 8\$000, os camarotes de 2ª, 3\$000, as cadeiras, 1\$000, a geral e a arquibancada, \$500, e os estudantes fardados na geral (O FAROL DO ESTUDANTE, n. 3, p. 19). Além do cinema e do teatro, a passagem do ‘Cirkus Fekete’, em excursão pelo Nordeste, animou os jovens estudantes. Com cerca de 60 artistas, o circo oferecia atrações como Cleópatra e O Conde de Monte Cristo a um preço bem acessível, conforme manchete exposta no número 04.

<sup>6</sup> Localizado na Rua 16 de Setembro, em frente à Praça Emílio de Maia (BARROS, 2005b).

<sup>7</sup> Localizado na Rua do Comércio, segundo Júlio Normande, onde, depois, funcionou a Padaria Três Coroas e, a seguir, a loja Super-Decorações. Uma sala estreita e comprida com cadeiras de madeira. Animava as sessões, ainda segundo Normande, um quarteto musical: no piano, Antônio Paurílio; no violoncelo, Ulisses Moreira; no violino, Manoel Lopes Ferreira Pinto; e na flauta, Narciso Maia. Segundo Joel Belo, em 1915, Tavares de Figueiredo era o organizador e regente da Orquestra do Cinema Odeon (BARROS, 2005b).

<sup>8</sup> Nele teve início em Maceió, em 1929 (segundo Júlio Normande, em 1931), o cinema falado, com o filme Broadway Melody. Funcionava na Rua do Comércio, onde, depois, localizaram-se o Cinearte e o São Luiz. Um dos integrantes de sua orquestra foi Manoel Capitulino de Castro, cujo nome artístico era Passinha (BARROS, 2005a).

Vale assinalar que os estudantes que reclamavam espaços de sociabilidade eram oriundos de um grupo social restrito e muito elitizado. Para os jovens daquela época, o cinema, que era uma das principais formas de diversão e uma ocasião clara de exibição, só era superado pela ida às missas dominicais ou festivas (VERÇOSA, 2006). A propósito, a religiosidade católica também figurou nas páginas da revista dos alunos do Lyceu Alagoano. Ela está presente na poesia *Santa Terezinha*, de Emílio de Maya, conforme expus anteriormente, bem como no noticiário da primeira revista, o qual trata da missa da comunhão da Páscoa dos estudantes do Lyceu alagoano, que foi realizada na Igreja Catedral de Nossa Senhora dos Prazeres, no dia 14 de junho de 1941. A missa, onde estiveram presentes diretores, professores, estudantes, pais e outras autoridades locais, foi celebrada pelo Arcebispo de Maceió, D. Ranulfo de Farias, e cantada pelo coral dos estudantes.

Dentre as questões políticas encontradas na revista, destacam-se a Segunda Guerra Mundial e o ufanismo patriótico dos estudantes. Na edição de nº 04 de *O Farol do Estudante*, o ‘editorial’, escrito por Dinastia Coelho de Lima, chamava à atenção dos brasileiros para a defesa da pátria no campo de batalha. Há uma clarevidência das ideias nacionalistas difundidas durante o Estado Novo na produção do artigo *Brasileiros*:

[...] A hora é chegada. Precisamos de braços fortes para defender a nossa amada Pátria! E espera que cada um de seus filhos, não depreze o momento perigoso. Espera sempre confiada em nós; e, portanto, povo brasileiro, devemos respeitá-la e amá-la com toda força do nosso coração.  
A Pátria, nossa verdadeira Mãe!

No campo de batalha, sejamos fortes. Enfrentemos com entusiasmo a fróta inimiga. Se, a bala trespassar um dos teus braços, envolvei-o com a Bandeira Brasileira, para tornar-se mais patriota.

Brasileiros! Nunca chores no campo de ação. Sejamos impávidos, lutando contra a dôr, contra tudo, sacrificando a nossa própria vida em defeza do nosso Brasil [...]. (LIMA, 1941, p. 3).

Sobre a guerra propriamente dita, localizei dois artigos específicos: o primeiro, uma crônica escrita por Ezequias Raimundo Alves, na edição número 04, em que o autor chama à atenção para a barbárie da guerra em pleno Século XXI, por meio da qual “[...] os homens parecem voltar à era quaternária. Barbaros e incultos, sempre lutando [...]” (ALVES, 1941, p. 7); o segundo, o intitulado *Progresso*, escrito por T. Gibson, na revista número 06, em que o autor critica o progresso humano, “[...] as ciências modernas, as grandes descobertas, quer nos meios de transportes, quer nos meios de diversões [...]” (GIBSON, 1941, p. 5). Ainda segundo o autor, o progresso é o maior

## Dossiê: imprensa, história e educação

atraso da humanidade e gerou uma “[...] guerra comercial por assim dizer mercenária, da ganância e do egoísmo [...]” (GIBSON, 1941, p. 5).

Além disso, algumas imagens demonstram que os estudantes estavam a par do que estava acontecendo na política internacional. Numa delas, consta uma caricatura de Winston Churchill, primeiro-ministro do Reino Unido, em outra, a de Adolf Hitler, chanceler e ditador alemão, e outra figura em que aparecem um anjo e um avião nazista bombardeando uma cidade, com os dizeres seguintes: ‘anjo – olhe, o Senhor deixou cair dois chocolates’.

**Quadro 4** – Imagens sobre a II Guerra Mundial



Fonte: IHGAL

A questão econômica também foi alvo de debate entre os escritores e leitores da revista. Na matéria *Brasil, o maior exportador de algodão do mundo*, João Lins Filho assegura que, entre os anos de 1933 e 1941, o país saiu da sexta para a primeira posição entre os países exportadores de algodão. Naquele ano, segundo a reportagem, o Brasil exportou 1.200.000 fardos de algodão, enquanto os Estados Unidos exportaram 1.103.000. Esse crescimento se deveu o à “[...] competência e às significativas direções dos seus filhos ilustres, que desejam a sua grandeza [...]” (LINS FILHO, 1941, p. 6).

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os impressos estudantis são importantes objetos para os historiadores da educação interessados em compreender determinada cultura escolar, sobretudo na ótica estudantil. Pallares-Burke (1998) afirma que a historiografia da educação brasileira deve dar mais atenção às modalidades informais de educação. A partir de fontes como romances, jornais, revistas, sermões, teatros, pinturas etc., podemos captar o modo como as culturas são produzidas, mantidas e transformadas. Dessa feita, as revistas, os

jornais e os almanaques produzidos pelos estudantes, além de ser uma produção cultural em si, o que já denuncia a importância de sua análise, fornecem-nos pistas de certa cultura em determinada época. Nesse sentido, a revista dos estudantes do Lyceu Alagoano, *O Farol do Estudante*, é reveladora da cultura estudantil própria da idade e dos interesses dos estudantes.

Esta pesquisa pretendeu, no primeiro momento, através do mapeamento realizado, expor a materialidade do periódico, evidenciar seu suporte e sua composição gráfica e possibilitar o entendimento de suas características e peculiaridades. No segundo momento, foi possível entrar em contato com as práticas culturais dos estudantes, sobretudo aquelas que ultrapassavam a sala de aula, como, por exemplo, o desenho artístico, o esporte, a escrita de poesias e de crônicas, os passeios, as apresentações teatrais, a religiosidade e a cultura cinematográfica.

No que tange ao conteúdo das matérias, ficou evidenciado que a maioria delas giravam em torno do teor humorístico. Apelidos, caricaturas, piadas e charadas enigmáticas eram os temas mais abordados na revista. Outras temáticas, como política e economia, além dos gêneros poesias e crônicas também figuravam a revista, ainda que com menos intensidade.

Por meio da análise do impresso *O Farol do Estudante*, foi possível entrar em contato com uma cultura escolar do Lyceu Alagoano dos anos de 1940 - a cultura estudantil. A escrita e a produção da revista eram um “currículo informal”, porquanto dava aos estudantes um lastro de conhecimentos necessários para que pudessem galgar o caminho da intelectualidade, que culminaria no ingresso do jornalismo, da política e da literatura, como foi o caso de Ezequias Raimundo Alves, que foi poeta, ator e médico, além de prefeito e deputado estadual (BARROS, 2005a).

## **ABSTRACT**

The purpose of the present article is to analyse the student press in the Alagoan Lyceum, based on the journal *O Farol do Estudante*, highlighting the importance of this type of study for the understanding of school culture, more specifically, what it says about the ways in which students express and organize themselves. In this direction, my analysis aims to apprehend those elements that constitute an identity, that of the student. To that end, I used as object and source of research four editions of the periodical, specifically numbers 01, 03, 04 and 06, all from 1941, located in the Historical and Geographic Institute of Alagoas. I gave prominence to the cultural practices, to the subjects and to what they produced, especially the humorous and irreverent articles, which denounce a form of proper expression, by means of drawings, caricatures and jokes.

**Keywords:** Student press. Alagoan Lyceum. The Lighthouse of the Student.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Ezequias Raimundo. Amôr. **O Farol do Estudante**, Maceió, n. 3, p. 2, ago. 1941.

\_\_\_\_\_. Crônica. **O Farol do Estudante**, Maceió, n. 4, p. 7, ago. 1941.

BARROS, Francisco Reinaldo Amorim de. **ABC das Alagoas**: dicionário bibliográfico, histórico e geográfico de Alagoas. Brasília: Senado Federal, 2005a. v. 62a.

\_\_\_\_\_. **ABC das Alagoas**: dicionário bibliográfico, histórico e geográfico de Alagoas. Brasília: Senado Federal, 2005b. v. 62b.

BASTOS, Maria Helena Câmara. A imprensa de educação e de ensino: repertórios analíticos. O exemplo da França. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 34, p. 166-168, jan/abr. 2007.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Unesp, 2002.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria e Educação**, n. 2, p. 177-229, 1990.

FARIA FILHO, Luciano et al. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 139-159, 2004.

FERNANDES, Ana Lúcia Cunha. O impresso e a circulação de saberes pedagógicos: apontamentos sobre a imprensa pedagógica na história da educação In: MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello; XAVIER, Libânia Nacif. (Orgs). **Impressos e história da educação**: usos e destinos. Rio de Janeiro: Letras, 2008.

FRAGA, Andréa Silva de. O estudo e sua materialidade: revista das alunas-mestras da escola complementar/normal de Porto Alegre/RS (1922-1931). **Hist. Educ.**, Porto Alegre, v. 17, n. 40, p. 69-97, maio/ago. 2013.

GIBSON, T. O progresso. **O Farol do Estudante**, Maceió, n. 6, , p. 5, out. 1941.

JESUS, Simoneide Correia Araujo de. **A produção de impressos estudantis de Maceió (1858/1943)**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Centro de Educação, Universidade Federal de Alagoas, 2011.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-44, 2000.

LIMA, Benedito Rodrigues. Um dia de falha. **O Farol do Estudante**, Maceió, n. 6, p. 3, 15 out. 1941.

\_\_\_\_\_. Versando sobre diversões. **O Farol do Estudante**, Maceió n. 1, p. 8, jul. 1941.

**Dossiê: imprensa, história e educação**

LIMA, Dinastia Coelho de. Brasileiros. **O Farol do Estudante**, Maceió, n. 4, p. 3, ago. 1941.

LINS FILHO, João. Brasil, o maior exportador de algodão do mundo. **O Farol do Estudante**, Maceió, n. 6, p. 6, out. 1941.

NÓVOA, António. (Dir.) **A imprensa de educação e ensino: repertório analítico (Séculos XIX-XX)**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1993.

O FAROL DO ESTUDANTE, Maceió, n. 3, p. 19, 1 ago. 1941.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. A imprensa periódica como uma empresa educativa no Século XIX. **Cad. Pesqui.**, n. 104, p. 144-161, 1998.

SILVA, Eliazar João da. Saúde, higiene e força física na primeira metade do Século XX: elementos para a compreensão da construção do novo homem brasileiro. In: SARAT, Magda; SANTOS, Reinaldo dos. (Orgs.). **Sobre processos civilizadores: diálogos com Norbert Elias**. Dourados: Ed. UFGD, 2012. p. 283-296.

VERÇOSA, Elcio de Gusmão. **Cultura e educação nas Alagoas: história, histórias**. 4. ed. Maceió: EDUFAL, 2006. p. 171.

VIÑAO FRAGO, Antonio. História de la educación y historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 0, p. 63-82, set/dez. 1995.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. Humor e irreverência nos impressos estudantis de escolas normais rurais (RS, 1945-1983). **Hist. Educ.**, Porto Alegre, v. 17, n. 40, p. 291-317, maio/ago. 2013.